



C A P E S

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA - UEPB**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO TÉCN. MÉDIO E EDUC. A DIST. – PROEAD**  
**PEDAGOGIA – PARFOR / CAPES / UEPB**  
**POLO GUARABIRA**

**REGINA VICENTE DA SILVA PAULINO**

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO VERDADEIRA  
TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**

**GUARABIRA**  
**2019**

**REGINA VICENTE DA SILVA PAULINO**

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO VERDADEIRA  
TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Programa Parfor-  
Graduação em Pedagogia pela  
Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de graduada em Pedagogia.

**GUARABIRA  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P328e Paulino, Regina Vicente da Silva.

A educação de jovens e adultos como verdadeira transformação social [manuscrito] / Regina Vicente da Silva Paulino. - 2019.

27 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Primeira Licenciatura em Pedagogia do Parfor) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Guarabira , 2019.

"Orientação : Profa. Ma. Márcia Gomes dos Santos Silva , Departamento de Educação - CH."

1. Educação de Jovens e Adultos – EJA. 2. Transformação social. 3. Aluno da EJA. I. Título

21. ed. CDD 374

REGINA VICENTE DA SILVA PAULINO

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO VERDADEIRA  
TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC – Relatório), apresentado como Conclusão do Curso de Pedagogia (PARFOR / CAPES / UEPB), da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Campus III – Polo Guarabira – PB, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Me. Márcia Gomes dos Santos Silva.

Aprovada em: 30/04/2019.

BANCA EXAMINADORA

Márcia Gomes dos Santos Silva

Prof.<sup>a</sup> Ms. Márcia Gomes dos Santos Silva (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aline de Fátima da S. Araújo

Prof.<sup>a</sup> Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Prof.<sup>a</sup> Me. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu esposo e minha filha, pela  
dedicação, companheirismo e amizade,  
DEDICO.

“Aprender é conhecer melhor o que já se sabe, para poder ter acesso a novos conhecimentos”

**Paulo Freire**

## **RESUMO**

Este artigo trata dos desafios da Educação de Jovens e Adultos, considerando movimentos da escola e sociedade e suas implicações na educação. O objetivo é analisar como a educação da EJA pode contribuir para a transformação social dos alunos, abordando algumas reflexões acerca dessa educação e de como os educadores e educandos enfrentam as dificuldades nesta modalidade de ensino. Sabe-se que não se pode construir conhecimentos sem a interferência do outro, e através dessa visão, faz-se necessário a contribuição das teorias de alguns pensadores como Freire (2011), Gadotti (2011), Carrano (2008), Pimenta (2012) dentre outros. O trabalho apresenta um breve contexto sobre a trajetória da EJA no Brasil, e por se tratar de uma pesquisa de caráter qualitativo e de campo, a pesquisa trás como se deu os resultado e discussões através de observação na escola Jardilina Cruz Pereira. Esta pesquisa possibilitou um estudo acerca de como a alfabetização de Jovens e Adultos pode contribuir e transformar a vida dos alunos no campo pessoal e social. Ao final do texto, apresentamos as considerações finais e todo referencial teórico que embasou esta pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVES:** Educação – EJA- Transformação social - Alunos

## **ABSTRACT**

This article addresses the challenges of youth and adult education, considering school and society movements and their implications for education. The objective is to analyze how EJA education can contribute to the social transformation of students, addressing some reflections about this education and how educators and students face the difficulties in this type of teaching. It is known that one cannot build knowledge without the interference of the other, and through this vision, it is necessary to contribute the theories of some thinkers such as Freire (2011), Gadotti (2011), Carrano (2008), (Pimenta) among others. The paper presents a brief context about the trajectory of the EJA in Brazil, and because it is a qualitative and field research, the research behind results and discussions through observation in the Jardilina Cruz Pereira school. This research made possible a study about how youth and adult literacy can contribute and transform students' lives in the personal and social field. At the end of the text, we present the final considerations and all theoretical references that underpinned this research.

Key-words: Education - EJA- Social transformation - Students

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	09
2	A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL.....	10
3	DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES.....	15
4	METODOLOGIA .....	18
5	DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	20
6	CONCLUSÃO .....	26
	REFERÊNCIAS .....	26
	AGRADECIMENTOS .....	27

## 1. INTRODUÇÃO

A educação de jovens e adultos (EJA) se constitui como tema de política educacional pela necessidade de se oferecer educação para jovens e adultos desde a Constituição de 1934. Mas, somente a partir dos anos 50 é que surgiram iniciativas concretas, juntamente com a preocupação de oferecer os benefícios da escolarização a ampla camada da população, que até então era excluída do convívio escolar (DI PIERRO, 2001).

Por ser uma modalidade específica da educação básica, ela é destinada a um público que por alguma razão foi privado do processo de escolarização no âmbito regular durante a sua infância ou adolescência, por isso, ela pode ser considerada um campo bastante complexo, uma vez não envolve apenas o processo pedagógico, mas também fatores que vão além dos aspectos educacionais.

Observando as aulas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jardimilina Cruz Pereira, na sala de EJA ensino fundamental anos iniciais, pude perceber o quanto é importante esta modalidade de ensino e o quanto é desafiador para os educandos como também para os educadores despertar nos alunos a atenção para a aprendizagem, uma vez que são alunos que já enfrentam uma rotina de trabalho durante o dia e já se sentem cansados para uma nova rotina. Diante dessa constatação, procurei conversar com alunos e professor, para saber deles quais as maiores dificuldades enfrentados e como se dar o processo de aprendizagem em meio a esse desafios. De acordo com as abordagens, foi possível ter um parâmetro de todas as contribuições possíveis nesta modalidade de educação. Em vista a tudo isso, se buscou conversar com a professora titular da sala para que a mesma pudesse esclarecer como se dar a aprendizagem dos alunos que frequentam suas aulas, e como é o comportamento deles diante de tantas dificuldades.

Por esta razão, a referente pesquisa tem como objetivo geral analisar como a educação de Jovens e Adultos pode contribuir para a transformação social dos alunos procurando identificar as metodologias utilizadas, investigar a eficácia das propostas de alfabetização e identificar os anseios dos jovens e adultos ao inserirem-se nesse processo, possibilitando a compreensão da necessidade da

educação de jovens e adultos para formar cidadãos que desejam adquirir conhecimento e se tornarem seres críticos e atuantes na sociedade.

Este trabalho busca analisar como a educação de jovens e adultos pode contribuir para a transformação social dos alunos, através de pesquisa qualitativa, tendo como percurso metodológico, levantamento bibliográfico, via a escola campo, onde foi possível a coleta de dados por meio de observações e intervenção no espaço escolar no ensino da EJA, trazendo como público alvo, alunos do ensino fundamental anos iniciais, com o objetivo de refletir a respeito não só da prática pedagógica do professor, das mudanças e dificuldades, mas também, entender como acontece a aprendizagem dos alunos e os diversos olhares que a educação de jovens e adultos pode contribuir para a transformação social dos alunos.

Para o desenvolvimento deste trabalho, no primeiro capítulo abordou-se um panorama geral da trajetória da educação da EJA no Brasil, tendo em vista dar informações de como esta modalidade de ensino está situada no contexto nacional e as perspectivas de ensino nessa área por meio da visão de teóricos que discutem o tema. O segundo capítulo trata dos desafios e contribuições que os educadores da EJA enfrentam para no desenvolvimento de sua prática docente, ressaltando também as dificuldades dos alunos em permanecerem em sala de aula. No terceiro capítulo contempla a metodologia que permeou toda a pesquisa. A seguir, no quarto capítulo foram levantadas as discussões e resultados da pesquisa realizada a partir de observações e conversas com o público alvo, além das considerações finais.

## **2. A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL**

O ensino da EJA começou a se desenvolver no período colonial, momento em que os missionários religiosos exerciam uma ação educativa, com adultos, destinados aos brancos e indígenas, estudos estes que eram baseados no estudo clássico, nas primeiras noções da religião católica.

Durante o período colonial, no Brasil, estas iniciativas dos jesuítas relacionadas à educação, eram voltadas para a catequese e adaptação dos jovens e adultos às investidas do colonizador. Os jesuítas preparavam os adolescentes e adultos para trabalharem nas aldeias em atividades manuais.

Eles transmitiam esses conhecimentos basicamente pela oralidade, uma vez que a população não tinha acesso à escola e nem à escrita. Moura cita que

Foi ela, a educação dada pelos jesuítas, transformada em educação de classe, com as características das que tão bem distinguem a aristocracia rural brasileira que atravessou todo o período colonial e imperial e atingiu o período republicano, sem ter sofrido, em suas bases, qualquer modificação estrutural, mesmo quando a demora social de educação começou a aumentar, atingindo as camadas mais baixas da população e obrigando a sociedade a ampliar sua oferta escolar (MOURA, 2003, p.26)

Devido a predominância na época do proselitismo religioso, ou seja, no período colonial a ideia dos missionários era catequizar e educar e acordo com as normas dos colonizadores portugueses, que necessitavam de mão de obra para a lavoura e atividades extrativistas.

Dessa forma, a educação no período colonial, não estava voltada para a formação cidadã dos sujeitos como nos dias atuais, e sim para catequizá-los e torná-los seres capazes de produzirem algo que os colonizadores considerassem convenientes.

Moura comenta que,

A educação de adultos teve início com a chegada dos jesuítas em 1549. Essa educação esteve, durante séculos, em poder dos jesuítas que fundaram colégios nos quais era desenvolvida uma educação cujo objetivo inicial era formar uma elite religiosa (MOURA, 2003, p.26.)

Em 1759, a Companhia de Jesus foi expulsa do Brasil e um dos responsáveis por essa expulsão foi o Marquês de Pombal, segundo Brennan e Rossi (2009, p. 210): “o motivo principal de conduzir a expulsão dos jesuítas no Brasil foi a seguinte: eles educavam o cristão a serviço da ordem religiosa, e não, dos interesses do país”.

Desta maneira, percebe-se que objetivo esperado pela coroa portuguesa não era igual os dos jesuítas, isto é, religioso, mas sim, proporcionar as pessoas conhecimentos que, por meio desses, melhorassem as condições financeiras de Portugal, no entanto, com a saída dos jesuítas não houve melhores resultados na educação, deixando a população analfabeta, ou seja, não tinha professores, em especial, os das primeiras letras, várias escolas foram fechadas e as

bibliotecas dos conventos foram abandonadas ou destruídas. Moura (2003, p. 27) esclarece que

(...) com a expulsão dos jesuítas de Portugal e das colônias em 1759, pelo marquês de pombal toda a estrutura organizacional da educação passou por transformações. A uniformidade da ação pedagógica, a perfeita transição de um nível escolar para outro e a graduação foram substituídas pela diversidade das disciplinas isoladas. Assim podemos dizer que a escola pública no Brasil teve início com pombal os adultos das classes menos abastadas que tinha intenção de estudar não encontravam espaço na reforma Pombalina, mesmo porque a educação elementar era privilégio de poucos e essa reforma objetivou atender prioritariamente ao ensino superior.

Como é notável, a escola pública no Brasil, na reforma Pombalina, era direcionada apenas a uma pequena parte da população, e a mesma se enquadrava apenas os mais favorecidos economicamente.

Com o passar do tempo, foram observadas a necessidade que a população tinha para uma educação com princípios democráticos, e diante disso, por volta de 1945, no final da ditadura de Getúlio Vargas, ocorreu um movimento de fortalecimento dos princípios democráticos, com a criação da Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), solicitando aos países que fazem parte do grupo dedicar/esforçar-se para educar a população adulta analfabeta, uma vez que esta não tinha o direito de votar por ser considerada incapaz de raciocinar e resolver problemas. Este movimento na ocasião, de certa forma se apresentou como um momento ruim para a política. Sobre isso, Soek, Haracemiv e Stoltz (2009, p. 08) acrescentam:

A partir do ano de 1945, com o fim da ditadura de Getúlio Vargas, o país vivia a efervescência política da redemocratização. Era urgente a necessidade de aumentar as bases eleitorais para a sustentação do governo central, integrar as massas populacionais de imigração recente e, sobretudo, incrementar a produção. Para tanto, era necessário oferecer instrução mínima à população.

Apesar de ter acontecido muitas mudanças, a educação, principalmente, no tocante aos adultos, no final da década de 1950, ocorreram inúmeras críticas à Campanha de Educação de Adultos por deficiências administrativas, financeiras e, também, relacionada à orientação pedagógica, pois a seleção dos conteúdos eram superficiais e não estava de acordo com a realidade dos educandos.

Segundo Soek, Haracemiv e Stoltz (2009, p. 12), eles utilizavam métodos inadequados para a população adulta em um período muito curto e o material didático era impróprio, visto que era o mesmo material para todas as regiões do Brasil.

Ainda nessa época, surgiu um novo paradigma para a educação de adultos, o qual tinha como referência as práticas de alfabetização do estudioso Paulo Freire. Este buscava estratégias metodológicas que permitissem um ensino voltado para a realidade do aluno, ou seja, que fossem condizentes com o seu meio social. No entanto, o que faltava era apenas um instrumento mais eficaz para sua realização. A partir de então, Paulo Freire passa a coordenar as atividades do MEC (Ministério da Educação e Cultura) no campo da Educação Popular e da Alfabetização de Adultos. Nesse sentido, ele afirma:

Creio poder afirmar, na altura destas considerações, que toda a prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que ensinando, aprende, o outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; e envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideias. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática, de não poder ser neutra (FREIRE, 2007, p. 69-70).

Na perspectiva de Freire, a aprendizagem só se torna significativa quando os educadores compreendam que cada indivíduo tem seu modo e ritmo de aprendizagem e bagagem de conhecimento, e que é preciso ser respeitado e valorizado dentro de sua cultura. Daí a necessidade do educador proporcionar metodologias e objetivos que proporcionem um despertar e um desenvolvimento satisfatório na aprendizagem desses educandos.

No início de 1964, foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização, o qual proporcionava a disseminação de programas de alfabetização e tinha como orientador Paulo Freire. Este buscava sempre melhorar a educação, contando com a ajuda de alfabetizadores populares para a preparação do plano. A partir da aprovação do plano, o processo educativo começou a focalizar mais a realidade do educando, de suas carências e, também, de propiciar a superação de muitos problemas ocasionados pelo analfabetismo.

Dessa maneira, por causa da grande pressão do governo, em 1966, o programa de alfabetização de adultos findou em alguns estados. Em dezembro

de 1967, o próprio governo assumiu o controle dessa atividade e lançou o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). O mesmo tinha como meta diminuir o número dos analfabetos, pois este era alarmante e também propiciar educação continuada aos jovens e adultos.

Observando a necessidade de dar continuidade à escolarização, foi criado, posteriormente, o Ensino Supletivo, com a promulgação da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5.692 de 1971, que promoveu benefícios significantes para a reinserção escolar das pessoas que não tiveram oportunidades de estudarem na época certa.

Apesar de ter tido melhoria, no ano de 1985, com a redemocratização a “Nova República” extinguiu o MOBRAL e criaram a Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos (Fundação Educar), a qual tinha objetivos mais democráticos e proporcionava programas de alfabetização. Estes programas não eram financiados pelo governo, mas por organizações não governamentais (ONGs), entidades civis e empresas conveniadas, pois era perceptível a ausência de esforço por parte do governo, havendo uma retirada de contribuição do Estado a respeito da modalidade da educação de jovens e adultos. Como podemos visualizar nas palavras da UNESCO (2008, p. 28):

Durante a ditadura militar, a educação de jovens e adultos, promovida pelo governo, colaborou na manutenção da coesão social e na legitimação do regime autoritário, nutrindo o mito de uma sociedade democrática em um regime de exceção. A escolarização de jovens e adultos ganhou a feição de ensino supletivo, instituído pela reforma do ensino de 1971, mesmo ano em que teve início a campanha denominada Movimento Brasileiro de Alfabetização, que ficou conhecida pela sigla Mobral. Com um funcionamento muito centralizado, o Mobral espalhou-se por todo o país, mas não cumpriu sua promessa de erradicar o analfabetismo durante aquela década e, em 1985, na transição à democracia, acabou sendo extinto e substituído pela Fundação Educar. A iniciativa de maior repercussão derivada do Mobral foi o PEI – Programa de Educação Integrada –, que condensava o antigo curso primário e criava a possibilidade de continuidade de estudos para os recém-alfabetizados e demais pessoas que dominavam precariamente a leitura e a escrita. O ensino supletivo, por sua vez, foi implantado com recursos escassos e sem uma adequada formação de professores; abriu um canal de democratização de oportunidades educacionais para os jovens e adultos excluídos do ensino regular, mas ficou estigmatizado como educação de baixa qualidade e caminho facilitado de acesso a credenciais escolares.

Como se pode perceber, com a Constituição de 1988, o Estado ampliou sua responsabilidade com relação à educação de jovens e adultos, e mesma passou a ser reconhecida, proporcionando mais oportunidades a pessoas menos favorecidas, que, por esta razão, aumentou o número de matrículas.

No entanto, não houve implicação na diminuição da evasão, pois diversos fatores sociais, como: o cansaço por trabalhar o dia todo, o que acaba prejudicando significativamente o entusiasmo pelo estudo; o material didático, muitas vezes, não condizente com a realidade dos educandos; as metodologias utilizadas pelo alfabetizador/professor não cativavam e nem despertavam o interesse dos alunos pelas aulas. É preciso que aja diálogo e estratégias inovadoras para que a educação desses jovens se legitime.

Paulo Freire ressalta mais uma vez que

A fé nos homens é um dado a priori do diálogo. Por isso, existem antes mesmo de que se instale. O homem dialógico tem fé nos homens antes de encontra-se frente a frente com eles. O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado. Esta possibilidade, porém em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a ele, pelo contrário, como um desafio ao qual tem de responder. Está convencido de que este pode fazer e transformar, mesmo que negado em situações concretas, tente a renascer (FREIRE, 2005, p. 93-94).

Dentro dessa perspectiva o autor faz uma ressalva para que os educadores façam o diferencial na vida dos estudantes oportunizando-os a terem uma educação de qualidade, preenchendo assim, as lacunas por não terem sido alfabetizados no tempo regular.

### **3. DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES**

São muitos os desafios na educação, o que torna a prática de ensinar cada vez mais complexa. A instituição formadora de professores como os formadores e os futuros professores, precisa assumir que na sociedade globalizada se convive, simultaneamente, com a inovação e a incerteza. Por

isso, a educação dos seres humanos se torna mais complexa, e a formação do professor, também passa a assumir essa complexidade.

Os educadores da EJA enfrentam inúmeros desafios no desenvolvimento de sua prática docente, e entre esses entraves está à evasão das turmas, a falta de materiais didáticos específicos, a baixa autoestima dos educandos, a rigidez institucional.

Di Pierro explica essa dificuldade dos jovens e dos adultos em procurar ou mesmo em permanecer na escola:

[...] os jovens e adultos analfabetos ou com baixa escolaridade não acorrem com maior frequência às escolas públicas porque a busca cotidiana dos meios de subsistência absorve todo seu tempo e energia; seus arranjos de vida são de tal forma precários e instáveis que não se coadunam com a frequência contínua e metódica à escola; a organização da educação escolar é demasiadamente rígida para ser compatibilizada com os modos de vida dos jovens e adultos das camadas populares; os conteúdos veiculados são pouco relevantes e significativos para tornar a frequência escolar atrativa e motivadora para pessoas cuja vida cotidiana já está preenchida por compromissos imperiosos e múltiplas exigências sociais. (DI PIERRO, 2010, p. 35)

O medo, a insegurança e a falta de expectativa para continuar na sala de aula permeiam não só alma do professor, como também a do aluno, pois conscientemente, os jovens e adultos analfabetos podem até entender que aprender a ler e a escrever será muito vantajoso, mas inconscientemente, desenvolvem mecanismo de defesa para não construí-la por medo do desconhecido, ou por não se sentirem capazes. Paulo Freire (2000) afirma que medo todos têm, o importante que ele paralise as pessoas.

É cada vez mais difícil conquistar alunos dessa modalidade de ensino para que frequentem as salas de aulas, uma vez que são alunos que, muitas vezes enfrentam uma rotina de trabalho diária e não se sentem em condições físicas e psicológicas para estudar, mesmo havendo a necessidade e o desejo de aprender a ler e a escrever. O professor, por sua vez, precisa encontrar meios inovadores que chamem a atenção dos estudantes e não permita que os mesmos desistam.

Não é fácil estar em uma sala de aula, conviver com tantas mudanças desafiadoras e fazer um trabalho que proporcione sucesso aos alunos, mas, mesmo diante de tantos desafios, é preciso que o docente se calce de saberes

e fazeres para contemplar seus alunos com uma aprendizagem rica em conhecimentos protagonismo.

Atualmente, muitos estão retornando ao âmbito escolar em busca de uma formação mais fundamentada e consistente para que possam transformar suas vidas. A maioria deles já vai para a sala de aula com uma bagagem rica de conhecimentos de mundo, e muitos já sabem ler e escrever. Diante desse contexto, o professor alfabetizador precisa desenvolver um trabalho que esteja dentro das perspectivas dos educandos, valorizando seus prévios saberes e que sua prática seja motivadora de tal forma, que possa despertar no aluno vontade de aprender, como afirma Gadotti, quando diz é preciso que haja sedução no ensinar e aprender.

Seduzir no sentido de encantar pela beleza, e não como técnica de manipulação. Daí a necessidade da motivação, do encantamento. Motivação que deve vir de dentro do próprio aluno e não da propaganda. É preciso mostrar que “aprender é gostoso, mas exige esforço. ( GADOTTI, 2011, p. 56.)

O encantamento e as descobertas devem fazer parte do dia a dia de todo educando, sobretudo da EJA, uma vez que os mesmos enfrentam diariamente os desafios e a resistência para a aprendizagem.

Fazer, descobrir, criar, relacionar e refletir são ações que movem a produção de conhecimentos. Nesta sociedade moderna que vivemos e que sofre tantas modificações rápidas e transformadoras na área do saber e do fazer, aprender a aprender é indispensável.

O aluno da EJA necessita fazer parte e estar dentro das ideologias e das transformações atuais. Por isso vale a pena pensarmos com mais vigor sobre o que os alunos sabem e o que eles não sabem a respeito da escrita e da leitura e de outros conhecimentos. Além disso, o professor que leva em consideração as experiências socioculturais de cada aluno, comprometendo-se com a pluralidade, para que o jovem ou adulto se identifique nesse contexto, ele está trabalhando para que este jovem tenha sucesso e se torne um ser crítico e atuante na sociedade.

Para tanto, faz-se necessário saber quem é esse indivíduo, onde e como vive e qual o seu histórico de vida. Carrano afirma que

A compreensão dos processos de socialização contemporânea dos jovens podem contribuir para o diálogo intergeracional no cotidiano escolar. Parto do princípio de que muitos dos problemas que os educadores enfrentam nas muitas salas de aula e espaços escolares deste país como os jovens alunos têm origem em incompreensões sobre contextos não escolares, os cotidianos e os históricos mais amplos, em que esses estão imersos. Dito de outra forma, torna-se cada vez mais improvável que consigamos compreender os processos sociais educativos escolares se não nos apropriarmos dos processos mais amplos de socialização. (CARRANO, 2008, p. 114)

O autor, em suas palavras aponta que é essencial adentrar no universo social dos alunos, pois à medida que o professor for emergindo no contexto social deles, ele terá mais domínio de dialogar e possibilitar um ambiente que favoreça um enriquecimento de conhecimentos, visto que o indivíduo vive em constate mudanças, as quais são influenciadas pelo seu meio social.

Portanto, é oportuno enfatizar, a necessidade que o docente tem de buscar cada vez mais um fazer pedagógico que atenda as especificidades de cada educando, e que o ensino se torne atrativo, levando os discentes ao comprometimento do saber.

#### **4. METODOLOGIA**

Este estudo baseou-se em uma estratégia de caráter qualitativo a partir de pesquisa bibliográfica, observações no espaço escolar, bem como a reflexão a respeito da prática pedagógica, buscando entender os diversos olhares que a educação de jovens e adultos pode contribuir para a transformação social dos alunos.

Segundo Gil, a pesquisa é definida como:

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão de resultados. (GIL, 2007, p. 17.)

Um das grandes referências da educação brasileira, Paulo Freire, afirma-nos que é preciso ter uma educação libertadora, que problematize e que os educadores estejam ao lado do educando, fazendo com que a dinâmica do processo ensino-aprendizagem aconteça (FREIRE, 1979).

A partir de observações em sala de aula com turmas de EJA, anos iniciais e dialogando com professores, percebe-se que isso acontecia frequentemente, justamente pelo fato dos mesmos da ênfase a realidade dos alunos, e por este motivo, sempre procurava trabalhar as áreas de conhecimentos deles, partindo da realidade e de suas visões de mundo, como enfatiza Barretos,

Os alunos e alunas de EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Podemos dizer que eles trazem uma noção de mundo mais relacionada ao ver e ao fazer, uma visão de mundo apoiada numa adesão espontânea e imediata às coisas que vê. Ao escolher o caminho da escola, a interrogação passa a acompanhar o ver desse aluno, deixando-o preparado para olhar. Aberto à aprendizagem, eles vêm para a sala de aula com um olhar que é, por um lado, um olhar receptivo, sensível, e, por outro, é um olhar ativo: olhar curioso, explorador, olhar que investiga, olhar que pensa. (BARRETO, 2006, p. 5)

Neste cenário, o professor realmente precisa ser autônomo e partir para o que mais fará sentido para a aprendizagem dos alunos, levando-os a um caminho de muitos conhecimentos.

Diante disso, para a realização da pesquisa, além de consultas bibliográficas, se fez necessário a busca de diálogos com docentes desta modalidade de ensino, partindo de um roteiro como instrumento para a observação em sala de aula.

O roteiro foi elaborado para que fossem registrados aspectos relevantes sobre a interação da turma, o desenvolvimento das atividades planejadas no sentido de criar um clima de envolvimento com a professora e os alunos. Neste sentido Lüdke e André afirmam que:

Para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador ( LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.25)

Diante disso, o roteiro como instrumento de observação, teve o significado de considerar com atenção o saber ou conhecer melhor a prática, uma vez que diante dessa perspectiva, saber mais ajudará para interferir melhor e construir o aprendizado.

## 5. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Esta pesquisa possibilitou um estudo acerca de como a alfabetização de Jovens e Adultos pode contribuir e transformar a vida dos alunos no campo pessoal e social, pois através de metodologias inovadoras, os alunos tiveram oportunidades de crescimento intelectual, evidenciando a importância da inserção daqueles alunos que foram segregados ou marginalizados da escola, sendo impedidos de concluir os estudos em idade regular.

Através desse estudo buscou-se compreender sobre a importância de diferentes metodologias utilizadas no dia a dia e o sentido que ela faz na vida dos alunos, além do docente que atua nestas turmas de ensino.

Entendemos que a Educação de Jovens e Adultos é um direito importante e valioso, uma condição prévia para que o cidadão possa interagir com aspectos básicos da sociedade: ler livros, escrever, votar com consciência e escrever o próprio nome em registros, ler um manual de instrução, compreender os textos que circulam na sociedade.

Neste sentido foram momentos muito ricos, cheios de trocas de conhecimentos. A turma, a qual foi observada, mesmo apresentando certa timidez, gostava de participar das rodas de conversas e das atividades sugeridas. Durante as observações, foi perceptível perceber nas conversas com os alunos que eles gostavam de estar naquele ambiente, pois o mesmo favorecia o aprendizado e que eles até então não tinham, ressaltando assim que o papel do professor é muito importante para eles.

As aulas eram contextualizadas, sempre partindo de uma temática por meio de uma atividade integradora, onde envolvia os alunos e com muito carinho e afetividade. Os alunos demonstravam certa motivação para continuar com aquele contato e descobrir juntos novos horizontes.

A professora relatou que a principal dificuldade no seu ensino e na aprendizagem dos alunos era a falta de frequência dos mesmos, fato que pude comprovar no período de observação. A docente também fazia pouco uso do livro didático para dar aula, segundo ela, o livro não estaria de acordo com a realidade dos discentes, então ela fazia uso de atividades que estivesse dentro

do contexto e das vivências dos educandos, sempre na busca de uma educação transformadora, refletida sobre ação e prática, pois a produção de práticas educativas eficientes surge da reflexão de experiências compartilhadas entre os colegas, contribuindo assim para o aprendizado.

Como define Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, ensinar exige reflexão crítica sobre a prática.

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. [...] é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. (FREIRE, 2011, p. 39)

Uma questão também bastante desafiadora para os professores da Educação de Jovens e Adultos é o planejamento. Sabemos que este ato é muito importante para que possamos conduzir a aula com segurança, tentar alcançar os objetivos propostos e não desperdiçar tempo com improvisos. Porém, nem sempre a aula é bem sucedida como planejamos isso acontece com todos os professores, e com os docentes da EJA, não é diferente, sobretudo, por ser um ensino que atende a uma clientela com certa resistência para estar naquele ambiente, e tudo que se leva para a sala de aula tem que despertar o interesse e a permanência na sala.

A professora comentou em uma conversa que muitas vezes procura planejar aulas com a ajuda deles, objetivando chamar cada vez mais atenção dos mesmos e motivá-los para vir a sala de aula no outro dia. Segundo a docente, é um pouco difícil esta etapa do ensino, mas tem percebido que os educandos se envolvem e demonstram vontade de voltar no outro dia para assistirem as aulas. De acordo com essa perspectiva, Leal esclarece que

O planejamento do professor e o esforço em compartilhar ao máximo tal planejamento podem ajudar os jovens e adultos a terem mais clareza sobre o que vão aprender em determinado período do ano letivo, porque precisam fazer para aprender, (...) para desse modo, criarem estratégias cada vez melhores de aprendizagem. (LEAL, 2010, P. 99.)

Esse modo de atuar ajuda o professor a planejar o seu dia a dia, uma vez que o planejamento se torna mais previsível. A professora ressaltou que procura planejar suas aulas dentro da realidade deles e tenta oferecer aos mesmos, a possibilidade de construir o seu conhecimento, levando em consideração a realidade de cada um, sua condição de adulto e cidadão que atua ativamente na sociedade.

Nas fotos a seguir, a professora planejou atividades junto com eles e afirma que mesmo diante das dificuldades, o resultado sempre foi satisfatório. Foram atividades individuais e em grupos para que os mesmos pudessem se sentir seguros ao realiza-las, pois trata-se de uma turma onde muitos deles ainda têm dificuldade de leitura, e a professora atende às especificidades de forma bastante paciente.



Fig. 1 :Realização de atividades em grupo.

Fonte: Autora (2018).



Fig. 2: Realização de atividades individuais.

Fonte: Autora (2018).



Fig. 3: Alunos realizando atividades individuais.

Fonte: Autora, (2018).



Fig. 4: Momento de docência durante o Estágio Supervisionado 3.

Fonte: Autora, (2018).

É diante desse contexto que se acredita não ser possível desenvolver um trabalho em EJA sem a constante reflexão da prática, uma vez que se fala de um tipo de ensino que deve conduzir a aprendizagens em um contexto social atrelado as vivências e seus conhecimentos de mundo. Para Pimenta (2012), ao expor a importância da análise e da reflexão nas práticas e em seus contextos, coloca-se em evidência a escola como espaço institucional de práticas coletivas. Essa concepção traz consigo outra: a da reflexão coletiva.

Nesse pensamento, permanece o desafio de pensar nas relações que o professor estabelece com os saberes, considerando-se que na ação, prática e saberes de diferentes ordens são por ele mobilizado.

Sobre isso, Freire afirma que

É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento epistemológico” da prática enquanto objeto de sua análise deve dela “aproximá-lo” ao máximo. (FREIRE, 2011, p.40.)

Isso significa que o professor deve estar sempre em constante reflexão e analisando sua prática, uma vez que sem esse olhar, o aprendizado dos alunos ficará comprometido.

Em outro momento, em conversa com a professora, a mesma explicava que muitas vezes eles chegavam para assistir as aulas sem nenhuma coragem de realizar as atividades propostas, alegando muito cansaço e sono, porém a mesma tentava uma conversa, chaveava-os uma dinâmica, uma brincadeira tentava de tudo e sempre com um “jeitinho” e incentivo, eles participavam e faziam tudo, e com capricho.



Fig. 5: Realizando atividades de produção de texto ilustrativo.

Fonte: Autora, (2018).



Fig. 6: Assistindo um vídeo com o tema água.

Fonte: Autora, (2018).



Fig. 7: Alunos realizando produção de texto por meio de imagens. Fonte: Autora, (2018).

A partir das situações presenciadas, podemos concluir, a partir dos dados coletados, que a forma com que se ensina influencia diretamente no processo de interesse, dedicação e aprendizagem do aluno, além de poder resultar numa menor infrequência por parte destes.

Segundo afirma Cunha:

A produção do conhecimento é entendida como a atividade do professor que leva à ação, à reflexão crítica, à curiosidade, ao questionamento exigente, à inquietação e à incerteza. É o oposto da transmissão do conhecimento pronto acabado. É a perspectiva de que ele possa ser criado e recriado pelos estudantes, e pelos professores na sala de aula (CUNHA, 1996, p. 111).

Quando o aluno se sente sujeito do processo de aprendizagem, sentindo-se reconhecido e importante, ele se torna interessado no ambiente escolar, se envolve e compreende de melhor forma os conteúdos abordados, e tais ações foram presenciadas durante todo processo de observação.

## CONCLUSÃO

A EJA tem papel fundamental no impulso do conhecimento, tendo um grande potencial de tornar o espaço de aprendizagem em um ambiente propício para sanar dúvidas, medos e questões, o que permite ampliar o desenvolvimento intelectual de quem está envolvido, seja aluno ou professor.

Esta pesquisa proporcionou a oportunidade de conhecer as especificidades existentes na educação de jovens e adultos (EJA) e contribuiu de forma ampla para o aprimoramento do fazer pedagógico nesta área de atuação.

Foi possível verificar a grandeza de conhecimentos e a alegria do docente que Através do reconhecimento e da vivência, o mesmo pode fazer com que a educação tenha sentido para seu aluno, através da mediação do conhecimento. Ao educador cabe a construção e socialização do saber, tornando-os os sujeitos da EJA críticos com valores e atitudes formadas, partindo de uma postura ética e transformadora.

Dentro dessa perspectiva o educador Paulo Freire ressalta a importância de conhecer a realidade do aluno, conhecer seu cotidiano, uma vez que os alunos de EJA são jovens que por algum motivo não concluíram seus estudos, nesse sentido o vínculo afetivo, o reconhecimento do outro, é de suma importância em uma sala de educação de jovens e adultos. A inexistência da distância entre aluno e professor facilita o convívio, a confiança e ajuda na cooperação entre todos no aprendizado.

O reconhecimento da escola, sobretudo do professor acerca da importância desses elementos afetivos, do conhecimento da realidade dos alunos, enriquece o processo de ensino e aprendizagem, fazendo com que cada um crie sua própria autonomia. Também foi observado o quanto os planejamentos são essenciais, principalmente, para possibilitar uma educação de qualidade, pois o público possui bagagem de conhecimento que favorece na explicação e compartilhamento do conhecimento.

Portanto, conclui-se que, ensinar e aprender envolvem aspectos que permitem contribuir para a criação de oportunidades de aprendizagem, condições propiciadas durante todo período de estágio.

## REFERENCIAS

CARRANO, Paulo. **Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades.** In: MOREIRA, A. F. & CANDAU, V. M. (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** Petrópolis: Vozes, 2008.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática.** 6ª ed. Campinas – SP: Papyrus, 1996.

DI PIERRO, Maria Clara. **Balço e desafios das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil.** In: SOARES, Leôncio et al. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente.** ENDIPE, 15. Belo Horizonte: Autêntica, 2010

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativo.** 35. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 7ª ed. Rio de Janeiro. -Paz e Terra, 1979.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2007.

GADOTTI, Moacir. **A boniteza de um sonho: ensina-e-aprender com sentido.** 2, ed. – São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

LEAL, Telma F. **Alfabetizar Letrando na Eja; Fundamentos teóricas e propostas didáticas.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MOURA, Maria da Gloria Carvalho. **Educação de Jovens e Adultos: um olhar/** Maria da Glória Carvalho Moura – Curitiba: Educarte, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOEK, Ana Maria; HARACEMIV, Sonia Maria Chaves; STOLTZ, Tânia. **Mediação pedagógica na alfabetização de jovens e adultos.** Curitiba: Positivo. 2009.

## **AGRADECIMENTOS**

A realização do presente trabalho não teria sido possível se não fosse o apoio, a ajuda, orientação, compreensão, acompanhamento e incentivo de várias pessoas a quem quero dirigir os meus agradecimentos.

Em primeiro lugar, agradeço a DEUS por ter me concedido saúde para que eu tenha chegado até aqui. A toda a minha família, especialmente ao meu pai pelo apoio constante e aos outros por sempre estarem ao meu lado durante estes anos de luta e assim por permitirem a realização deste trabalho.

Expresso um sincero e profundo agradecimento a minha orientadora, professora Mestre Márcia pela paciência e dedicação e incentivo. Agradeço ainda a minha amiga Gilliane por ter sido sempre positiva com a frase “Vai dar tudo certo” não me deixando desistir .

A minha querida professora e amiga Aline Araújo por ter contribuído com muito aprendizado, suas palavras sempre foram de incentivo.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.